

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR DO/NO CAMPO: A EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA DE CORDEL NA CASA FAMILIAR RURAL DOROTHY STANG

LITERARY LITERACY AND READER TRAINING IN/IN THE FIELD: A EXPERIENCE WITH CORDEL LITERATURE IN THE RURAL FAMILY HOUSE DOROTHY STANG

Ana Carla Leite Veloso
Bonfim Queiroz Lima
Larissa da Silva Sousa
UNIFESSPA

Resumo: Este trabalho trata-se de uma pesquisa-ação desenvolvida com os estudantes do 8º ano da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, localizada no município de Anapu, no estado do Pará. O projeto teve como objetivo ampliar o letramento literário através da leitura e a escrita de Literatura de Cordel. A leitura foi teoricamente embasada em Cosson (2021), no qual seguiu-se uma sequência básica para o letramento literário: motivação, introdução, leitura e interpretação. A escrita foi desenvolvida em etapas de estudo do gênero textual proposto, produção coletiva e produção individual. Os pressupostos didáticos foram baseados em Freire (2021), que defende uma educação dialógica, contrapondo a educação bancária. Através da análise das atividades desenvolvidas, avaliou-se como positiva a inserção da literatura de cordel para a sala de aula.

Palavras-chave: Letramento literário. Literatura de cordel. Cultura.

Abstract: *This work is an action research developed with the 8th grade students of Casa Familiar Rural Dorothy Stang, located in the municipality of Anapu, in the state of Pará. The project aimed to expand literary literacy through reading and writing Cordel Literature. The reading was theoretically based on Cosson (2021), in which a basic sequence for literary literacy was followed: motivation, introduction, reading and interpretation. The writing was developed in stages of study of the proposed textual genre, collective production and individual production. The didactic assumptions were based on Freire (2021), who advocates a dialogical education, opposing banking education. Through the analysis of the developed activities, the inclusion of cordel literature for the classroom was evaluated as positive.*

Key-words: *Literary literacy. Literature of twine. Culture.*

INTRODUÇÃO

Este texto trata de um projeto desenvolvido na turma de 8º ano da Casa Familiar Rural (CFR) Dorothy Stang, localizada no município de Anapu, sudoeste do estado do Pará. Trata-se de uma escola que promove educação do campo aos filhos dos agricultores da região. Atende pelo de acordo com os princípios da alternância pedagógica. A interação entre diversos sujeitos, em diversos espaços de conhecimento e epistemes, compõe a centralidade da Alternância P alternância. Nesse sentido, as aulas ocorrem de modo alternado, no qual são articulados tempos/espços de conhecimento, o Tempo Escola (TE), em regime de internato, e o Tempo Família (TF), na comunidade, realizando as pesquisas do plano de estudo e incorporando os conhecimentos teórico-práticos na propriedade.

A partir de uma pesquisa de observação preliminarmente feita, constatou-se que um dos principais desafios dos estudantes era com relação à leitura e escrita. Um problema comum nas escolas públicas do Brasil, que necessita, além de políticas públicas mais eficientes para a educação, de intervenções que desenvolvam de maneira plena essas habilidades. Isso pode ocorrer através do trabalho pedagógico que objetiva práticas significativas de leitura e escrita, a fim de promover a ampliação dos letramentos para participação efetiva em eventos de letramento cada vez mais variados e multissemióticos, e para o acesso democrático aos saberes socialmente sistematizados pela humanidade.

Como o objetivo principal do trabalho consiste na ampliação do letramento literário dos estudantes, o gênero escolhido foi a literatura de cordel. Essa escolha se deu por ser um tipo de poema que faz parte da cultura popular e possuir um ritmo agradável de ler: em versos que rimam e contam histórias. Mendonça e Santana (2019) afirmam que levar esse gênero para a sala de aula, para contribuir com a formação de leitores, é uma iniciativa plausível, já que os folhetos de cordel podem proporcionar momentos de descontração e também de aprendizado.

Nesse sentido, no desenvolvimento do estágio, dois temas foram explorados: cultura e literatura de cordel. O conteúdo “Cultura” foi trabalhado abordando três aspectos: a) cultura como resultado das produções humanas; b) tipos de cultura; c) manifestações da cultura na realidade cotidiana dos estudantes. O texto escolhido para a leitura coletiva foi o cordel “A cultura *do Cacao*”, do cordelista popular Manoel Leite. Como produto das aulas do estágio, cada estudante produziu seu próprio cordel. Dessa forma, apesar de as atividades terem sido focadas na área de conhecimento da linguagem, tiveram uma abordagem interdisciplinar, tanto em textos estudados, como nas discussões em sala de aula. Mobilizando, assim, conhecimentos de várias áreas, além dos saberes dos educandos.

Para atingir o objetivo proposto, foram seguidos os seguintes objetivos específicos: i) ampliar o letramento literário; ii) desenvolver o gosto pela leitura literária; iii) compreender definições de cultura;

iv) analisar e escrever sobre a realidade; v) Visibilizar a cultura popular; vi) Produzir literatura de cordel; vii) Produzir folheto criativo; viii) Interagir com a comunidade escolar e externa.

O caminho metodológico percorrido neste trabalho foi a pesquisa-ação, que é caracterizada como um tipo de pesquisa social em que há, necessariamente, uma ou mais ações para “resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento” (Thiollent, 2011, p.19). Não pode ser considerada pesquisa-ação se não houver o envolvimento dos sujeitos no processo. O pesquisador, nesse caso, participa como um "auxiliar", ou de tipo “assessoramento” para que a ação aconteça de forma efetiva. O desenrolar da ação, os resultados dessa ação e a relevância para o público-alvo são os pontos principais dessa pesquisa.

Além disso, foi feita uma pesquisa bibliográfica para estudo dos temas a serem trabalhados na intervenção em sala de aula, como literatura de cordel, ensino de Língua Portuguesa, letramento literário, cultura e educação. Foram estudados os autores Cosson (2021), Bagno (2015), Rojo (2009), Brandão (2002), Freire (2021).

Em suma, texto está dividido em quatro seções. A primeira seção compreende o referencial teórico que subsidiou a pesquisa e assegurou a realização das atividades baseadas em autores que estudaram sobre os temas abordados. A segunda caracteriza o local onde o projeto foi desenvolvido. A terceira consiste na descrição das atividades realizadas durante a realização do projeto. A última é a análise das ações e atividades desenvolvidas.

LEITURA, ENSINO DE LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

Segundo Cosson (2021, p. 15) “Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa”. Em um mundo feito de linguagem é preciso saber ler. Ler não somente como uma correspondência entre palavra escrita e coisa no mundo, relacionando o significado ao significante. Mas, além disso, é necessário ler a palavra mundo; pois, como afirma Freire (1989, p. 9) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Sendo essa relação tão importante à leitura, práticas focadas apenas na decodificação de códigos são insuficientes para despertar o senso crítico do estudante. Logo, “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço.” (Cosson, 2021, p. 27)

Em sociedades grafocêntricas é comum deparar-se com situações em que a leitura e a escrita são exigidas. Essa exigência cotidiana requer domínio das práticas de leitura e escrita para efetiva participação na sociedade. Dessa forma, o conceito letramento significa “[...] o conjunto de conhecimentos, atitudes e

capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita.” (Soares, 2005, p. 47)

Entendendo a importância da leitura contextualizada, e também da escrita, e a necessidade do domínio dessas habilidades para efetiva participação nos mais variados ambientes em que são exigidas, Bagno (2015, p. 14-15) afirma: a “prioridade absoluta no ensino de língua deve ser dada às práticas de letramento, isto é, às práticas que possibilitem ao aprendiz uma plena inserção na cultura letrada, de modo que ele seja capaz de ler e de escrever textos dos mais diferentes gêneros que circulam na sociedade.”

O ensino de literatura é frequentemente estudado como um anexo da disciplina de Língua Portuguesa, cujo ensino é feito de forma fragmentada através de enxertos de textos literários para a análise gramatical. “Nas práticas de produção, assim como nos materiais didáticos que circulam em sala de aula, o texto entra menos como produtor de sentidos e mais como suporte de análises gramaticais” (Rojo, p. 88). Ou seja, a intenção principal não é a reflexão sobre a obra literária, mas transformar o texto em uma materialidade para o estudo da gramática normativa. Nesse sentido, a concepção de educação e linguagem adotada pelo professor reflete diretamente nas formas de ensino e nas práticas que privilegia.

A leitura literária como uma forma de interação entre texto, sujeito leitor e os personagens do texto, que possibilita a esse sujeito o acesso a outras subjetividades que estão inseridas em um contexto social, econômico, geográfico e histórico, converge para o letramento literário, uma vez que

Na escola a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular um mundo feito de linguagem. (COSSON, 2021, p. 30)

Cosson (2021) defende que a simples leitura, que passa apenas pela superfície, pela decodificação da palavra, deixa de penetrar a dimensão mais profunda do texto, pois perde o enriquecimento da experiência literária ao não capturar os sentidos ímpares socializados pelos educandos, resultado das experiências também ímpares que os formaram suas subjetividades ao longo dos anos. Na verdade, a leitura simples se torna um desafio ensino de literatura focado no letramento literário, pois ao considerá-la suficiente, não se busca outras maneiras de ampliar os sentidos do texto e estimular o desejo de ler dos estudantes para que se torne uma prática autônoma.

Como alternativa ao ensino de literatura, Cosson (2021) organizou uma sequência básica para o letramento literário, em quatro etapas: i) motivação, quando se estimula a curiosidade dos estudantes sobre a obra, levando-os a sentirem vontade de conhecê-la, preparando-os para ingressar no texto; (ii) introdução, quando se apresenta o autor, o contexto e a importância da obra, ou algum outro elemento importante, de maneira breve, apenas informações básicas pertinentes aos alunos antes da leitura; (iii) leitura, momento em que os estudantes de fato leem a obra; (iv) interpretação, momento em que os estudantes expõem suas reflexões acerca do que foi lido.

Em suma, o ensino de literatura não deve ocorrer de maneira aleatória. Existem metodologias que contribuem para a formação do leitor literário, que ampliam o(s) letramento(s) dos estudantes. Portanto cabe à escola capacitar esses indivíduos para interagirem nos mais diversos ambientes em que o uso da leitura e escrita é exigido.

CULTURA E LITERATURA DE CORDEL

Cultura é uma palavra que possui várias definições. Grosso modo, pode-se dizer que a cultura é toda produção humana, isto é, tudo aquilo que o ser humano agregou à natureza. “Distinguem-se na cultura seus produtos: instrumentos, linguagem, ciência, a vida em sociedade e os modos de agir e pensar comuns a uma determinada sociedade, que tornam possível a essa sociedade a criação da cultura.” (Movimento de Educação de Base, 1983, *apud* Brandão, p. 393).

Além de ser criação, também é criadora e, em grande medida, determinadora das funções e significado das coisas, costumes e crenças. Cada cultura estabelece uma forma de produção de vida. Assim, levando em consideração a diversidade geográfica, social, linguística, cosmológica, o tempo histórico em que se vive, a manifestação da cultura é diferente em cada sociedade, possuindo peculiaridades pertencentes a determinado grupo produtor e produto da cultura.

No entanto, quando elementos da cultura são apropriados pela indústria cultural e comercializados à população, dá-se o nome de cultura de massa. A padronização dos gostos é um meio e um fim para a manipulação dos sujeitos, que são também consumidores.

O princípio básico consiste em lhe apresentar tanto as necessidades como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto por outro lado organizar antecipadamente essas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e apenas como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural. (Adorno, 2002, p.23)

Nesse sentido, a indústria cultural molda as mentalidades, as massas, através da homogeneização, pois indivíduos padronizados são mais fáceis de controlar. Trata-se, portanto, da formação de subjetividades convenientes a determinados grupos que têm domínio sobre os meios de produção de cultura.

Em contraposição à essa cultura, há a cultura popular. Uma cultura autêntica. Uma cultura do povo, produzida pelas classes marginalizadas da sociedade, que visa a tomada de consciência dessas classes para o desprendimento das imposições hegemônicas da cultura de massa. A literatura de cordel é caracterizada como cultura popular.

O homem é catalisador da cultura, isto é, “carrega-a” para onde vai. A literatura de cordel foi trazida para o Brasil através da colonização Europeia. Já nesse país, teve grande valorização no Nordeste.

Nessa região, foi incorporada às peculiaridades da região e criou características próprias: rimas bem metrificadas e organizadas de modo a dar ritmo ao poema a ser recitado; assuntos referentes à seca, histórias populares, da luta do povo, etc.

De acordo com (Abreu, 1999, p.74), “A literatura de folhetos nordestina parece ter iniciado no espaço oral, muito antes que sua impressão fosse possível”. Assim como em outras culturas, nas quais a oralidade era predominante, a literatura de folhetos era comum nas cantorias e pejeas, tanto nas regiões rurais, como nas feiras e residências urbanas. Apesar de não haver registro dessa literatura nos primeiros séculos no Brasil, algumas informações ficaram guardadas na memória de antigos poetas.

Posteriormente, o cordel se espalhou para o Norte, através de outro processo de colonização, este no interior do Brasil. A abertura da rodovia Transamazônica, no início da década 70, reuniu homens e mulheres empobrecidos de todo o Brasil, motivados pela necessidade de ter um lugar para plantar e viver, e influenciados pela forte propaganda do governo: “Terra sem homens, para homens sem-terra”. Com o discurso de ocupação dos espaços vazios, que na verdade escondia o desejo de exploração das riquezas ainda inexploradas e alívio de tensões populacionais em outras regiões, sobretudo do Nordeste cujas famílias sofriam frequentemente com a seca, o projeto de colonização da Amazônia foi implantado. O povo que migrou, levou sua cultura. Assim a literatura de cordel se expandiu pela Amazônia.

A partir da análise dos cordéis de Manoel Leite, natural de Palmeira dos índios, Alagoas, também imigrante nordestino, percebe-se que a migração do cordel para a Amazônia também gerou alterações nos temas abordados nesses cordéis. O cordelista tem publicado trabalhos que tomam a Amazônia como ponto de partida e centralidade, como, por exemplo, os seguintes títulos: “O sofrimento na Transamazônica na época da colonização”, “A cultura do cacau”, “Uma história de amor”, além de temas em processo de desenvolvimento, como a morte da Irmã Dorothy Stang.

A partir da discussão feita acima, percebe-se que homens produzem cultura, mas também são produtos dela. Ao terem que se deslocar para outro lugar não deixam de levá-la, e levando-a incorporam-na com características particulares do lugar em que se encontram, enriquecendo mais ainda a cultura.

O LÓCUS DA PESQUISA: CASA FAMILIAR RURAL DOROTHY STANG

A CFR é uma escola que atende por um modelo diferenciado de educação, voltado para a formação a nível básico dos jovens do campo. As aulas acontecem no modelo de alternância pedagógica que possibilita o aprendizado em espaços-tempo de aprendizado alternados entre Tempo Escola e Tempo Família. Durante 15 dias, os estudantes permanecem na escola estudando, tendo aulas práticas, convivendo coletivamente com os colegas. Já o Tempo Família, é dedicado a atividades de pesquisa e prática de conhecimentos aprendidos na escola.

As aulas no Tempo Escola ocorrem em período integral, manhã e tarde, e durante a noite há atividades variadas que fazem parte do currículo não oficial/informal. Aulas de reforço para os alunos que têm mais dificuldade em Língua Portuguesa ou Matemática, sessão de filmes, ensaios para apresentações, são algumas dessas atividades. É importante ressaltar que tais atividades não fazem parte do currículo formal/oficial, mas possuem papel significativo na formação dos sujeitos.

Outro ponto importante referente ao Tempo Escola é a formação para a convivência coletiva, no qual todos estudantes são impelidos a terem responsabilidades com o local que compartilham. Os mesmos são importantes responsáveis pela organização da escola. No processo organizativo, há um planejamento de setor. O setor é o local que os alunos cumprirão as demandas exigidas durante a etapa, a exemplo, os responsáveis pelo jardim regam as plantas e fazem os tratos culturais, os responsáveis pela área externa recolhem o lixo. Esses grupos de alunos possuem uma organização política, cujas categorias são: líder, vice-líder e liderados.

Além das aulas das disciplinas comuns, há aulas de campo em que os alunos aprendem a lidar com agricultura e criação de animais domésticos, sempre acompanhados pelo professor de campo. Ademais, os alunos também acessam a teoria do que praticam através do Tema Gerador.

O trabalho pedagógico que pretende partir da realidade do educando para a sistematização do/s conhecimento/s, sinaliza para a utilização de “temas geradores” como forma de organização/metodologia, o qual tem suas raízes no educador Paulo Freire e está pautado na concepção metodológica dialética, numa perspectiva do educador utilizar-se da prática-teoria-prática como forma de construir seu fazer-pensar. Segundo FREIRE (1987), a prática do “educador humanista - revolucionário”, deve “colocar ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que desafia e, fazendo-o, lhe exige uma resposta, não a um nível intelectual, mas ao nível da ação” (p. 115). (RODRIGUES, 2003, p.1)

Os Temas Geradores na CFR são escolhidos de maneira coletiva, de acordo com o diretor da escola:

Primeiramente é feita uma visita nas comunidades onde é perguntado para os pais o que eles querem que os filhos estudem. Depois são analisados e sintetizados os 10 temas geradores mais votados e ao longo do ano, em cada alternância eles estudam um desses temas. (informação oral)¹

Os temas geradores são materializados, primeiramente, através do PE (Plano de Estudos), no qual são levantadas questões a respeito do tema gerador apresentado. A dinâmica é assim: os alunos são divididos em grupos por localidade, cada grupo é responsável por determinada quantidade de questões, depois, coletivamente, são eleitas as questões do PE. Em entrevista gravada, um estudante explicou o seguinte:

¹ Entrevista de Raimundo Nonato C. Pereira, Diretor da CFR Dorothy Stang, cedida a Ana Carla Leite Veloso, em 14 de abril de 2022.

O PE pra quem não sabe é o plano de estudo, aí eu vou entrevistar ou um pai ou responsável pela pessoa, aí é tipo uma entrevista, a gente vai entrevistar lá, vai fazendo as pergunta e de acordo com que a pessoa vai respondendo, cê vai escrevendo. Aí quando chega na escola, o professor X ou então o Y, vai fazer a colocação em comum. A colocação em comum pra quem não sabe é tipo quando a taxa de porcentagem que cada um dos PE, vai juntar um grupo aí vai ter a taxa de porcentagem, tipo assim 10% 5% responderam... [...] vão juntar as resposta de todo mundo e vão fazer a colocação em comum. (Informação oral)²

Seguindo a organicidade da produção do questionário, na colocação em comum os alunos também são organizados em grupo. Eles analisam os dados coletados por cada um, produzindo um dado novo, mais amplo, no âmbito da localidade/comunidade. Esses dados são registrados em texto do gênero relatório e apresentados oralmente para o restante da turma.

A partir daí, os professores preparam as fichas pedagógicas, isto é, as apostilas que contém a teoria a respeito do tema gerador. Essas fichas deverão ser contextualizadas no ensino das disciplinas da grade curricular.

As atividades citadas acima, embora não componham especificamente da disciplina Língua Portuguesa, abordam diretamente orientações indicadas pela BNCC para esse componente. Pode-se afirmar que a realização do plano de estudo e da entrevista (pesquisa), a colocação em comum (sistematização de dados), a produção do relatório e socialização dos trabalhos, contemplam todos os eixos previstos para essa disciplina: (i) Eixo da Leitura, (ii) Eixo da Produção Textual, (iii) Eixo da Oralidade, (iv) Eixo da Análise Linguística/semiótica. Além disso, também perpassam essas atividades os campos de atuação: Práticas de estudo e pesquisa e Jornalístico-midiático.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Baseando-se na proposta da sequência básica de Cosson (2021) para o letramento literário: motivação, introdução, leitura e interpretação, foi feita a leitura literária do cordel “*A cultura do cacau*”, do cordelista popular Manoel Leite.

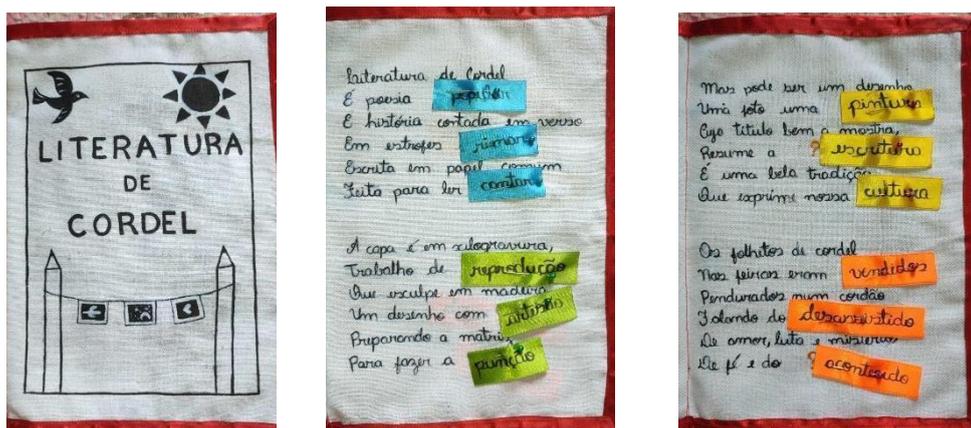
A etapa da motivação é, para Cosson, a preparação para o ingresso na obra, objetiva despertar o interesse pela leitura. Nessa fase, foi confeccionado um cordel artesanal de tecido com o poema “*Literatura de Cordel*”, do cordelista Francisco Diniz, trata-se de um texto metalinguístico: um cordel que fala sobre cordel, de forma bem didática e explicativa. Nos versos desse cordel, tinham palavras faltantes, as que rimavam no 2º, 3º e 4º verso. Em cada estrofe, nos “espaços vazios” tinham pontos de interrogação

² Entrevista de Marlon Gustavo Sousa, aluno da CFR Dorothy Stang, cedida a Ana Carla Leite Veloso, em 19 de abril de 2022.

pintados de uma cor e as palavras que faziam parte daquela estrofe estavam escritas em um pedaço de fita de cetim da mesma cor.

A turma foi dividida em 4 grupos, cada grupo ficou com uma estrofe. A missão dos estudantes era analisar os versos e as palavras e concluir qual palavra fazia mais sentido em cada lugar e, por último, pregá-la com um alfinete, conforme a figura 1. Enquanto um grupo estava concentrado resolvendo a questão da rima, os outros estudantes exploravam os cordéis pendurados no varal³. Levando em consideração que cada estudante iria ganhar um livreto ao final da atividade, deveriam escolhê-lo. Durante a observação exclamavam: “olha o João grilo!” (os estudantes já tinham assistido ao filme *Auto da Compadecida*), “Eu já ouvi falar nesse tal de lampião!”. O próprio ambiente onde a aula ocorria, também se caracterizou como uma motivação: debaixo de uma mangueira, as cadeiras em círculo rodeadas com cordéis no cordão. Em suma, tanto a atividade lúdica do trabalho em equipe quanto a pesquisa exploratória, contribuíram para o interesse dos estudantes em relação à leitura do cordel que estava por vir.

Figura 1 Motivação: A literatura de cordel



Fonte: arquivo pessoal

Na introdução, etapa em que o estudante é apresentado ao autor e à obra, foi exposta, brevemente, a biografia do autor: natural de Alagoas, migrou para o Pará na época da colonização, estudou pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), atualmente trabalha como agente de saúde, agricultor e cordelista.

A leitura do texto foi feita de forma coletiva em uma roda de leitura. Por se tratar de um texto curto, com 79 estrofes, cada estudante leu duas estrofes.

A última etapa da sequência básica foi a interpretação, no qual se “parte do entretenimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um

³ Dentre os cordéis disponíveis estavam: As proezas de João Grilo (João Ferreira de Lima); as mais novas ignorâncias de seu Lunga (Neuza Romão); O mão de vaca (Neuza Romão e Isaias Gomes); A confusão que deu pra Frei Damião entrar no céu (Isaias Gomes de Assis); O planeta Terra pede socorro (Isaias Gomes de Assis); A mulher que deu cria a um cavalo (Isaias Gomes de Assis); Uma homenagem de amor (Manoel Leite); entre outros

diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. (COSSON, 2021, p. 64). Nesse sentido, após a leitura, os estudantes externalizam o entendimento sobre o que foi lido e relacionam o texto com a realidade vivenciada, pois o tema do cordel também se relaciona com o que eles praticam no cotidiano. Em suma, essa etapa foi bem interessante, pois, sem que fosse planejado, os estudantes proporcionaram uma sala de aula invertida com as contribuições das interpretações.

Finalizada a etapa da leitura do cordel, passou-se para a outra parte do projeto: a produção escrita e artística de um folheto de cordel, que também ocorreu em etapas: i) aula expositiva sobre a estrutura do cordel, ii) produção de uma estrofe coletiva, iii) levantamento de rimas, iv) escrita do cordel e produção artística do folheto.

Na aula expositiva, além dos conteúdos “texto em verso” e “texto em prosa” foi explicada a estrutura do cordel estudado: sextilha com rima no 2º, 3º e 4º verso. Nesse momento, os estudantes procuravam no formato do texto a relação com o que era falado.

Depois de os estudantes aprenderem, na teoria, como fazer cordel, foi produzida uma estrofe coletiva envolvendo toda a turma. A primeira atividade foi a eleição de um tema. Os representantes de cada tema se organizaram lado a lado na frente da turma. Cada estudante teve seu voto anotado e o tema escolhido foi “sonho”. Em seguida os estudantes pensaram em uma frase para começar, um falava uma, outro falava outra e, juntos, elegeram o início da estrofe. Quanto mais avançavam no cordel, mais o nível de dificuldade aumentava, pois nos versos seguintes tinham que pensar em uma frase que, além de fazer sentido, rimasse com “or”. Em versão final: *Sonhar é ter esperança / De conseguir o melhor / Basta ter fé / E não temer o pior / Apenas siga em frente / E siga seu objetivo maior.*

No segundo momento, houve uma aula expositiva sobre rima. Na sequência, foi produzida coletivamente uma lista de palavras que rimam. A intenção da atividade era tanto exercitar a prática de rimar, quanto usar as palavras na produção escrita do cordel.

O terceiro momento foi dedicado à escrita do cordel individual com o tema livre, à escolha de cada estudante. Alguns apresentavam dificuldade com relação à estrutura do poema e escreviam o texto em prosa, então era explicado e analisado onde o texto seria passado para outra linha, e eles reescreveram seguindo as orientações recebidas

A produção dos folhetos de cordel, no qual foram escritos os poemas dos estudantes, também foi feita ao ar livre. Mesas e cadeiras debaixo da árvore, caixas de lápis de cor, canetinhas, papéis coloridos sob as mesas e estudantes concentrados fazendo arte, compuseram o cenário daquela tarde.

A socialização dos cordéis, última etapa do projeto, ocorreu no auditório da CFR, na noite cultural. Esse evento representa a culminância da alternância. É nele que os estudantes e professores apresentam de forma artística o que foi estudado durante o Tempo Escola. Os pais dos estudantes sempre estão presentes, bem como lideranças comunitárias, o prefeito e a secretária de educação do município. Nesse evento, cada turma ficou responsável por uma apresentação. A apresentação do 8º ano começou

com o desfile de duas estudantes. Uma levava um cartaz com o cordel coletivo e a outra um cartaz com o nome Literatura de Cordel. Em seguida, cada estudante apresentou a sua obra.

Em suma, a partir do exposto, pode-se afirmar que a literatura de cordel na sala de aula, visando o letramento literário, possibilita significativos aprendizados para os estudantes, estimula a expressão artística literária e visual, no caso das ilustrações dos cordéis.

ANÁLISE DAS AÇÕES E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A relação entre o sujeito educando e o sujeito educador na práxis pedagógica consiste em uma relação dialógica de compartilhamento de saberes. Entende-se que o educando, como sujeito que teve uma trajetória de vida até chegar à escola (e continuará até o resto da vida) não é uma folha em branco, então é necessário respeitar e valorizar os saberes dos educando. Dessa forma, cabe ao professor, como mediador no processo de conhecimento, ajudar a incorporar os elementos elaborados da cultura a esses saberes prévios para que o estudante conheça o objeto de estudo mais amplamente. Nessa concepção, o ensino deve partir, sempre, da realidade.

Educar é um ato de amor. Há um contraste entre a pedagogia tradicional e a educação que Freire (2021) defendia, se opondo a ela e propondo um novo método de ensino que forma seres para transformação.

Na prática do desenvolvimento do projeto, uma das convicções era a de, conscientemente, contrapor, na prática, o modelo de educação tradicional e bancária⁴, termo este cunhado por Freire (2021, p. 80). Ao analisar essa educação cristalizada, o autor a comparou aos modos de operação de um banco, onde o conhecimento é depositado/transferido do professor, detentor do conhecimento, para o aluno recipiente passivo. Dessa forma o professor se encontra como centro do processo educativo, ensinando aos estudantes o conteúdo dito de interesse global, geralmente veiculados pelo livro didático, que estão alheios à realidade sociocultural e econômica do educando. Em outras palavras, interessa menos a realidade concreta do estudante que é um sujeito que vive num local, pratica determinada atividade, vivencia determinada cultura, do que ser comunicado sobre assuntos que alguém, que não compartilha da mesma realidade, diz ser importante.

Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece é a de receberem os depósitos guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens,

⁴ A palavra bancária, usada de forma metafórica pelo autor, traz outro sentido que complementa o citado acima: o termo “bancária” remete a banco, dinheiro, poder monetário. Ao se combinar com a palavra “educação” faz pensar, e é de fato, que se trata de algo que beneficia a classe dominante. O capitalismo, como uma célula cancerígena, necessita se reproduzir para continuar vivendo (e matando silenciosamente). As ideias hegemônicas que dominam a sociedade atual, são produtos dessa reprodução. A escola, nesse sentido, é uma agência produtora de mão-de-obra especializada que alimenta esse modelo de produção, reforçando ainda mais a educação como reprodução da sociedade tal qual ela é, para manter, assim, os privilégios de uma classe, em detrimento de outra.

nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educando se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 2021, p. 80-81)

Ao problematizar a educação bancária, Freire (2021, p. 113) apresenta um outro modelo de educação que contrapõe a bancária. Uma educação que “ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia”.

A estrutura organizacional das aulas era em círculos, com todos se olhando, contrapondo a forma tradicional, já ultrapassada, de professor “detentor do conhecimento”, que ficava à frente dos alunos para “transferir conhecimento”. Pelo contrário, o conhecimento era por nós socializado e eu, como professora, estava lá para ajudar na formulação das ideias e na incorporação do saber socialmente construído ao saber deles.

A interação educador-educando, teve como base os pressupostos teóricos de Freire (2021). Não havia autoritarismo, os estudantes tinham liberdade e se sentiam à vontade para se expressar. Uma das educandas, no círculo de avaliação disse: “eu gostava que você se comunicasse com a gente e tava sempre por perto pra ajudar”. Essa afirmação reforça o quanto o diálogo e a disposição do professor em ajudar o aluno no processo educativo, são importantes em sala.

Com receio de limitar a criatividade e capacidade de produção literária dos estudantes, foram levados em consideração apenas os elementos mais básicos do cordel, como rima e a organização em estrofes. A métrica não foi trabalhada, por ser considerado um assunto que deveria ser posto aos poetas iniciantes, depois de dominarem os elementos citados anteriormente.

Em relação ao conteúdo dos poemas, o tema predominante foi o amor. Vale destacar que os estudantes estão na fase da adolescência e esse assunto os interessa.

APONTAMENTOS FINAIS

O conhecimento se constrói nas relações entre os homens e o mundo; na ação, reflexão e ação; ou seja, num movimento contínuo. O projeto uniu essas ações necessárias ao conhecimento: teoria, prática e reflexão. Ao analisar, as atividades concluídas, subsidiadas pela teoria, pode-se refletir sobre as práticas bem-sucedidas e as que merecem ser repensadas. Uma constante ação e reflexão.

A realização desse projeto possibilitou a articulação de várias atividades de forma interdisciplinar e também multi artística, pois os cordéis produzidos envolveram arte literária, desenho, e produção artesanal de folhetos (caderninhos).

Escrever poemas não é uma qualidade inata, mas algo que pode ser aprendido desenvolvido pelos estudantes com apoio pedagógico e metodologias que os ajudam nessa tarefa. Assim, com as teorias utilizadas na prática foram importantes para o sucesso do trabalho.

Em suma, para se ter certeza do alcance do projeto seria necessário um acompanhamento dos estudantes. Mas, pelo observado, no momento das aulas e através de seus relatos, houve um estímulo ao processo de letramento, pois afirmaram que gostaram do gênero escolhido, alguns disseram que iam escrever mais poemas, outros informaram já estarem terminando de ler o cordel que ganharam.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999
- ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.]. — São Paulo Paz e Terra, 2002
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56ª ed. revisada e ampliada. São Pulo: Parábola Editorial, 2015.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 32ª edição. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação como cultura*. - ed. rev. e ampl. - Campinas, SP : Mercado de Letras, 2002.
- DIANA, Daniela. Cultura: o que é, características, elementos e tipos. *Toda Matéria*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>. Acesso em: 11 set. 2022
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª ed., 13ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 80ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2021
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989
- LEITE, Manoel José. A cultura do cacau. In: RIBEIRO, João de Castro et al. *Nós, poetas Amazônidas: antologia poética*. Belém: Ed. do Autor, 2019. p. 73 - 84
- MENDONÇA, Simone Cristina; SANTANA Zilene Fernandes de Souza. *A literatura de cordel como fonte de prazer contribuinte para a formação de leitores*. In: BRITO, Áustria Rodrigues et al. *Múltiplas abordagens e distintas práticas para a formação de leitores literário no ensino fundamental em pesquisas do Profletras*. Rio Branco: Neplan, 2019. p. 167 - 190
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: parábola Editorial, 2009
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: caderno do professor* / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento) ISBN: 85-99372-03-3
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Ana Carla Leite

Discente de Licenciatura em Educação do Campo – Ênfase Letras e Linguagens da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. E-mail: carla.leite@unifesspa.edu.br

Bonfim Queiroz Lima

Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura, pela Universidade Federal do Tocantins, Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, Atuando na Faculdade de Educação do Campo. E-mail: bonfimql@unifesspa.edu.br

Larissa da Silva Sousa

Doutoranda em Letras/Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, Professora da Faculdade de Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. E-mail: larissousa@unifesspa.edu.br